

BOLETIM TÉCNICO
— DO —
INSTITUTO AGRONÔMICO DO NORTE

N.º 28

Dezembro de 1953

SUMÁRIO

DUCKE, A. — As espécies brasileiras do gênero *Theobroma* L.

DUCKE, A. — As espécies brasileiras do gênero *Pradosia* Liais (fam. *Sapotaceae*).

DUCKE, A. — *Milletia occidentalis*, nova leguminosa provavelmente ictiotóxica do Amazonas.

DUCKE, A. — O Herbário amazônico do Museu Paraense em 1950.

PIRES, João Murça — Plantas novas da Amazônia.

KOSTERMANS, A. J. G. H. — Notas sobre as *Lauraceae-Lauroidae* sul-americanas.

AMSHOFF, G. J. H. — Gênero *Crudia* na América do Sul.

BELEM — PARÁ — BRASIL

AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO GÊNERO PRADOSIA LIAIS (FAM. SAPOTACEAE) (*)

A. DUCKE

Nas Sapotaceas, os maiores especialistas do mundo discordam a respeito dos gêneros que devem ser conservados, entre os muitos que estão descritos; quanto ao gênero *Pradosia* Liais, CRONQUIST, em *Studies in the Sapotaceae* VI, Bull. Torrey Bot. Club 73: 466 (1946), conserva-o mas BAEHNI o inclui em *Chrysophyllum*, Eyma em *Pouteria*. Na verdade, porém, *Pradosia* não cabe em nenhum dêstes dois, porque não possui estaminódios nem endospermo, quando *Chrysophyllum* tem endospermo e não tem estaminódios, e *Pouteria* tem estaminódios sem ter endospermo; se *Pradosia* não fôr mantida como gênero, tampouco se justificará a conservação do gênero *Pouteria* cujas espécies teriam de ser incluídas em *Chrysophyllum*. De ambos, *Pradosia* diverge ainda pelos filamentos dos estames, abruptamente atenuados na parte superior e reflexos na prefloração. As folhas podem ser alternas, opostas ou verticiladas; para as espécies com folhas opostas e com casca doce propus o gênero *Glycoxylon* (Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 3: 234 (1922), abandonando-o mais tarde (Trop. Woods 71: 7 (1942)) por ter verificado que êstes caracteres são ainda encontrados em outros gêneros (1).

(*) (Trabalho feito com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas).

(1) Nas matas inundadas ao longo do Rio Aramá (Breves, Pará) encontrei uma "casca doce" que não pertence ao gênero *Pradosia*. Tôda a aparência da árvore lembra *Pouteria* mas as partes internas das flôres que examinei estavam deformadas. O nome "casca doce" é em certos lugares ainda aplicado a espécies de *Vochysia* (fam. *Vochysiaceae*).

O sabor doce da casca de uma árvore das matas do Sueste do Brasil e seu uso como remédio indígena despertaram a atenção dos adventícios, logo no início do período colonial. E botânicos, etnólogos e historiadores, desde séculos vêm escrevendo sobre essa árvore que poucos viram e que ninguém, até tempo recentíssimo, chegou a estudar satisfatoriamente. Primeiro a conseguir isso, por ter utilizado material botânico completo por ele próprio coletado, foi JOÃO GERALDO KUHLMANN, ex-diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e exímio conhecedor da flora arbórea do Brasil e sobretudo da do Distrito Federal e arredores, (2). Foi KUHLMANN quem verificou que duas espécies haviam sido misturadas sob idênticos nomes, científico e popular. Depois do trabalho fundamental de KUHLMANN, em Arch. Jard. Bot. Rio, vol. 5 (1930), dois outros surgiram tratando do mesmo assunto: um de J. TOLEDO, outro de F. C. HOEHNE, ambos em Arquivos Bot. Estado S. Paulo, vol. 2, nova série (1946). O trabalho de HOEHNE tem o título "A História Taxonômica do Imira-Eém do Brasil-lindio" e é uma extensa e detalhada monografia que esgota o assunto na sua parte histórica, deixando porém indecisa a questão do nome do gênero. Quanto aos nomes botânicos das duas espécies, penso que todos não passem de *mixta composita*, exceto o proposto por TOLEDO (o.c.) para uma das mesmas: *Pradosia Kuhlmannii*. O próprio nome indígena "buranhem", forma moderna do antigo "imira-eém" de HOEHNE, é misto: no Rio de Janeiro refere-se em primeiro lugar a *P. glycyphloea* sensu Kuhlmann mas é não raras vezes aplicado ainda a *P. lactescens* sensu Kuhlmann; em Pernambuco somente a *P. lactescens* (a outra não foi ainda observada nesse Estado). Nunca ouvi alguém usar o nome "imira-eém" que parece restrito a livros. Na Amazônia, todas as sapotáceas com casca doce são conhecidas como "pau doce" ou "casca doce" e nalguns lugares ainda designadas pelo nome indígena "merecem" ou "muiracem" do qual "buranhem" é provavelmente uma forma.

(2) Os únicos predecessores de KUHLMANN, no estudo eficiente da flora arbórea do Rio, foram Freire Alemão e Saldanha da Gama.

Como "field-botanist" (não "herbarium-botanist" e muito menos "bureau-botanist"), não me julgo competente para decifrar charadas difíceis de nomenclatura; a meu vêr, a melhor solução seria abandonar os nomes incertos e substituí-los por novos. Não há vantagem em conservar instrumentos que não prestam, e a nomenclatura, como instrumento destinado a facilitar as pesquisas da botânica científica, não se deve transformar em lastro, o que sucede quando suas regras são interpretadas com rigidez burocrática totalitária. "Taxonomy has grown up through the years, both in its content and in the use of its names. There is now strong tendency to reduce it to rigid formalities and to make it inflexible; this result would be deplorable. We should be prepared to avoid fixity in the programs of life". BAILEY, *Gentes Herbarum*, vol. VII, fasc. 2, p. 163 (1946).

- A: Casca com sabor doce. Flôres verdes ou brancas, nos raminhos abaixo das fôlhas. Frutos lisos.
- a: Fôlhas pequenas, alternas, raramente sub-opostas.

1. *P. GLYCYPHLOEA* sensu Kuhlmann o.c., = *Pradosia Kuhlmannii* Toledo o.c., = *Chrysophyllum buranhem* sensu Hoehne o.c. — Árvore grande. Fôlhas 40-60 x 18-30 mm; nervos primários 12-15 cada lado, assás distantes, não ligados por venulas ininterruptas porém com alguns nervos menores intercalados. Corola muito pequena, verde. Mata de terras altas do Rio de Janeiro (mata do Jardim Botânico, KUHLMANN herb.^o Jard. Bot. 22231) onde é bastante rara; citada por diversos autores para São Paulo (NAVARRO DE ANDRADE), Minas e Bahia, onde no entanto não parecem ter sido feitas coleções de material botânico. É esta espécie a dona legítima dos nomes populares "buranhem" e "casca doce", no sueste brasileiro (KUHLMANN o.c.). Quanto ao nome científico definitivo da espécie, deixo sua escolha a especialistas em nomenclatura.

- b: Fôlhas medíocres, opostas ou sub-opostas, mais raramente alternas, raras vezes ternadas.

- +: Nervos primários numerosos, paralelos, retos, alternando com alguns nervos menores, não ligados por venulas ininterruptas. Fôlhas quase sempre opostas, 50-140 x 30-80 mm. Corola muito pequena, estendida com 4-5 mm diâm., verde.

2. *P. INOPHYLLA* (Mart. ex Miq.) Ducke 1942, = *Chrysophyllum inophyllum* Mart. ex Miq., = *Glycoxylon inophyllum* Ducke 1922. — Pedúnculos 0,5-2 mm. Arbusto ou árvore pequena em campinas, árvore até mediana em catinga; sempre em solo de areia branca com humus escuro. Frequente em campinas nas bacias dos rios Trombetas (Rio Mapuera) e Nhamundá (Faro) na parte ocidental do Estado do Pará, e do baixo Madeira (Borba) e baixo Rio Negro no Estado do Amazonas; ocorre como árvore mediana nas catingas do alto Rio Negro (Rio Curicuriari, material botânico inclusive lenho, Ducke 264). Mais espécimes de diversas procedências foram largamente distribuídos.

3. *P. PEDICELLATA* Ducke 1942, = *Glycoxylon pedicellatum* Ducke 1922. — Pedúnculos 7-10 mm. Árvore pequena ou mediana, ou até bastante grande (na mata); sempre em solo de areia branca com humus escuro, principalmente em lugares ligeiramente pantanosos. Belém e Mosqueiro, na mata; Gurupá e Pôrto de Móz (foz do Xingú), em campinas. Material de herbário foi largamente distribuído.

- ++: Nervos primários pouco distantes porém ligados por ininterruptas venulas reticuladas; nervos intercalados menores faltam. Árvores grandes.

4. *P. PRAEALTA* Ducke 1942, = *Glycoxylon praealtum* Ducke 1922, = *Glycoxylon grande nomen nudum* DUCKE em Bouillenne: Une Mission Belge au Brésil, vol. 2, t. 10, fig. 561 (1930). — *Forma típica*: pedúnculos 1-4 mm; fôlhas mais frequentemente opostas ou sub-opostas. Uma das maiores

árvores dos arredores de Belém, bastante freqüente na mata da terra firme arenosa em lugares úmidos; as maiores têm no mínimo 50 m de altura e possuem 3 ou 4 enormes raízes tabulares ("sapopemas"). Material florífero e frutífero (col. DUCKE) foi largamente distribuído. — *Var. subsessilis* Ducke 1942: flôres subsesseis; fôlhas mais freqüentemente alternas que na forma típica. Manaus, pouco freqüente, uma das maiores árvores da mata da terra firme, só observada em solo argiloso. Material distribuído: florífero, DUCKE 825; frutífero, DUCKE Herb. Jard. Bot. Rio, 35546, com lenho DUCKE 276.

5. *P. HUBERI* Ducke 1942, = *Glycoxylon Huberi* Ducke 1922. — Fôlhas quase sempre opostas, 50-150 × 25-60 mm, base aguda ou obtusa, nervos primários 10-16 cada lado. Corola estendida com 7-8 mm diam., branca, glabra. Esta espécie tem além dos nomes "casca doce" e "merecem" ainda o de "pracuúba doce" devido ao aspecto da sua casca, bastante lisa e dum amarelento acinzentado pálido lembrando a "pracuúba" comum da mesma região (*Mora paraensis* Ducke, Leg. Caesalp.). A árvore que é de grande porte habita as matas pantanosas, inundáveis pelas águas represadas pela ação das marés do Atlântico, ao longo dos rios e "furos" (canais naturais) da parte central do estuário amazônico (Breves, Rio Aramá, Furo Macujubim) onde constitui um elemento característico da flora. A espécie foi descoberta pelo saudoso e benemérito doutor J. HUBER (Aramá, Herb. Museu Paraense 1874) em cuja honra foi denominada; mais tarde, material florífero (DUCKE, Jard. Bot. Rio, 3782) foi distribuído a várias instituições botânicas.

c: Fôlhas maiores que nas precedentes (70-190 × 35-65 mm), sub-verticiladas ao menos na parte superior dos raminhos.

6. *P. SUBVERTICILLATA* Ducke 1942. — Árvore de porte mediano, raminhos robustos, partes vegetativas glabras. Fôlhas oblongo-obovadas, coriáceas; nervos primários 15-20 cada lado, aproximados, venulas obsoletas. Flôres ver-

des; corola estendida com cêrca de 12 mm. diam., com tênue indumento seríceo no lado externo. Manáus, mata das margens altas da cachoeira baixa do Tarumá, em vários indivíduos; material botânico (col. DUCKE) foi largamente distribuído.

B: Casca sem o sabor doce das espécies precedentes. Flôres em raminhos abaixo das fôlhas, brancas. Fruto liso.

7. *P. DECIPIENS* Ducke 1942. — Árvore grande cujo tronco se parece muito com o de *P. praealta*; partes vegetativas adultas glabras. Fôlhas alternas, 80-150 × 45-80 mm, mais ou menos obovato-elípticas, coriáceas; nervos primários 12-15 cada lado, bastante distantes, venulas obsoletas. Flôres glabras, só o ovário piloso; corola estendida 9-11 mm diam. Manáus, mata da margem alta da cachoeira baixa do Tarumá; uma só árvore conhecida. Material distribuído: DUCKE herb. Jard. Bot. Rio, 24086, lenho 385.

C: Casca sem sabor doce. Flôres violáceo escuro.

a: Raminhos tênues. Partes vegetativas adultas glabras. Fôlhas alternadas; nervos primários não aproximados, venulas obsoletas.

8. *P. lactescens* sensu Kuhlmann o.c., = *Chrysophyllum lactescens* sensu Hoehne o.c. — Árvore pequena. Fôlhas 40-120 × 20-35 mm, obovato-lanceoladas, membranosas; nervos primários 6-12 cada lado, muito distantes. Fascículos das flôres nos ramos velhos e principalmente no tronco onde muitas vêzes se reúnem formando grandes almofadas; corola estendida com diâmetro até 6 mm. Fruto liso. Mata pluvial em terreno alto. Rio de Janeiro (mata da Fábrica Aliança, KUHLMANN, herb. Jard. Bot. Rio); citada para Minas de onde no entanto não me consta existirem coleções botânicas desta espécie; Recife (Pernambuco), não rara na mata em grande parte primária da base do morro no lugar Brejo de Macacos, florífera 19-I-1952 DUCKE 2195. O nome popular,

em Pernambuco, é buranhem; no Rio, o que os mateiros deram a KUHLMANN foi bacurí ou bacuparí, por uma confusão evidente com as gutíferas do gênero *Rheedia* que em todo o Brasil são conhecidas por esses nomes. Material botânico foi distribuído largamente.

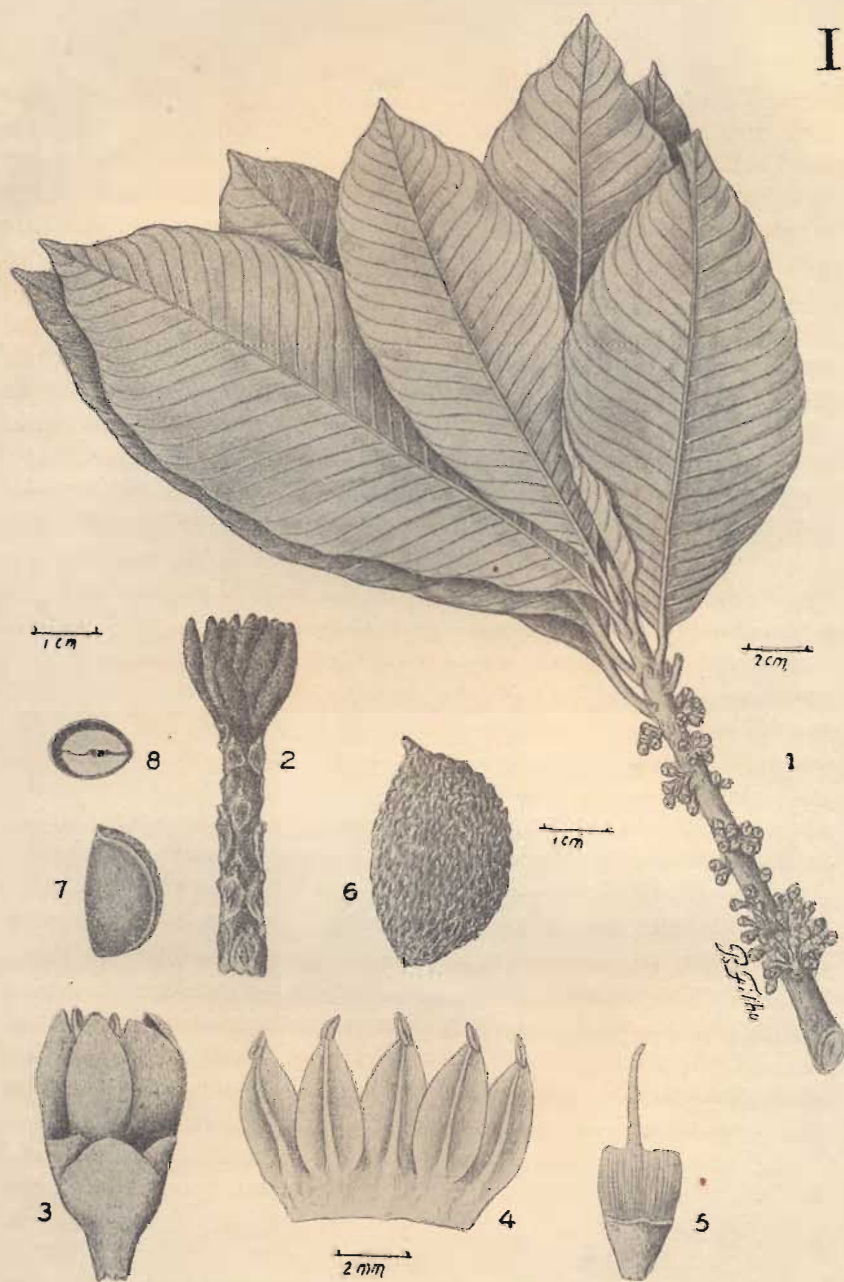
9. *P. ATROVIOLACEA* Ducke 1947. — Árvore grande. Fôlhas 60-160 $\times$ 40-70 mm, oblongo ou subelíptico-obovadas, subcoriáceas; nervos primários moderadamente distantes, 12-18 cada lado. Fascículos das flôres em ramos velhos e na parte mais velha dos raminhos; corola estendida com 9-12 mm de diam. Fruto não conhecido. Leticia (Colômbia, Amazonas), na imediata vizinhança da fronteira do Brasil, mata das terras altas; uma só árvore, 3-XI-1945 florífera, DUCKE 1800. Material botânico foi distribuído a várias instituições.

b: Árvores grandes; raminhos grossos; partes vegetativas com indumento copioso. Fôlhas em verticilos de 5 (ao menos na parte superior dos raminhos), 120-250 $\times$ 50-110 mm, oblongo-obovadas, rigidamente coriáceas; nervos primários numerosos e aproximados, ligados por venulas obliquamente transversais bem distintas. Fascículos das flôres ao longo da parte velha dos raminhos, abaixo das fôlhas ou depois da queda destas.

10. *P. VERTICILLATA* Ducke 1942. — Lado inferior das fôlhas exceto as muito velhas, com leve brilho dourado devido à presença dum tomento microscópico, e com tomento russo nos nervos; nervos primários 25-30 cada lado. Corola estendida com diâmetro de cerca de 6 mm. Fruto liso. Manáus, mata das terras altas argilosas; só duas árvores vistas. Material de herbário DUCKE 811, largamente distribuído.

11. *PRADOSIA VERRUCOSA* n. sp. — Arbor ultra 30 m alta trunco cylindrico robusto cortice griseo-brunneo sapore adstringente (nec dulci). Ramuli crassi, rugulosi et

lenticellosi, parte juniore dense rufohirsuta demum canescente. Folia in ramulorum parte suprema in verticillis vulgo proximis, 5 per verticillum; petioli 10-20 mm longi, basi dilatati, supra anguste canaliculati, rufohirsuti; laminae vulgo 120-220 $\times$ 50-90 mm metientes, oblongo-obovatae, basin vulgo acutam versus longe cuneatae, apice breviter et abrupte acuminatae, rigide coriaceae, plus minusve nitidae, supra praeter costam pilosam glabrae, subtus albidopilosulae et ad nervos rufopilosae, costis lateralibus e costa centrali subtus valde crassa utrinque vulgo 30-40 inter se parum distantibus supra impressis subtus fortiter prominentibus, a basi usque ultra medium subrectis, ante marginem attenuatis et secus marginem sursum curvatis, costulis lateralibus tenuioribus nullis, venis oblique transversis et flexuosis costas laterales conjungentibus numerosis, subtus conspicue prominulis. Flores in ramulis defoliatis vel saepius infra folia vetusta, sub foliorum delapsorum cicatricibus in fasciculis densis multifloris; pedunculi inter bractearum brevissimas ferrugineo-tomentosas, crasse obconici vix ultra 1 mm longi, virides, albidosericei. Calyx 2 mm parum longior, in phylla 5 imbricata apice rotundata extus canosericea sat profunde partitus. Corolla atrorubra, intus glabra, extus praeter loborum margines glabros albosericea (densissime in tubo), in alabastro adulto calycem circiter tertio superans, anthesi plena radiatim expansa (diametro 10-12 mm) cito caduca, tubo brevissimo, lobis 5 oblongis obtusis. Stamina 5 atrorubra antheris albidis, glabra, basi loborum inserta, anthesi lobos breviter superantia, filamentis in praefloratione ut in caeteris hujus generis speciebus flexuosis. Ovarium 5 — locale dense canohirsutum stylo glabro alabastro incluso, in vivo viridi. Fructus in pedunculo brevissimo crasso, usque ad 45 $\times$ 40 mm metiens, ovoideus parum obliquus, stylo apiculatus, breviter rufopilosus maturitate plus vel minus glabratus tuberculis numerosis compressis apice vulgo bidentatis fultus; maturus luteus pericarpio usque ad 8 mm crasso flavido coriaceo-carnoso, in exsiccatis durissimo. Semen (unum solum examinatum) unicum pulpa albae dulci inclusum, 23 $\times$ 14 $\times$ 8 mm metiens, compresso-obovoideum, dorso subcarinato fere recto, ventre fortiter convexo arcuato, fuscum, laeve, lucidum,



GRAVURA I — *Pradosia verrucosa* Ducke n. sp.
 1: Ramo florífero; 2: botão vegetativo; 3: flôr; 4: corola estendida;
 5: pistilo; 6: fruto; 7: semente; 8: corte transversal da semente.

area umbilicali 6 mm lata a basi usque ad apicem completa, pallida, opaca, longitudinaliter reticulato-rugosa.

Prope Recife (Pernambuco) loco Estrada da Aldeia terris altis in silva pro parte primaria, 30-IV-1952 florifera et cum fructibus nonnullis, DUCKE et A. LIMA 80.

Speciei amazonicae *P. verticillata* multis foliorum florum-que characteribus affinis, fructu verrucoso valde distincta.

Fôlhas sem lustre metálico, no lado inferior com pequenos pêlos brancacentos e com pêlos maiores, rufos, nos nervos; nervos primários 30-40 cada lado. Corola estendida com diâmetro de 10-12 mm. Fruto abundantemente coberto de verrugas dentiformes. Pernambuco: Recife, Estrada da Aldeia, mata em parte primária da Usina Mussurepe.

PRADOSIA MUTISII Cronquist, Bull. Torrey Cl. 73: 470 (1946), de uma localidade não conhecida da Colômbia, é "similar to *P. glycyphloea* differing in the more numerous primary lateral veins of the leaves (about 15-25 pair), in the evident close reticulum of the secondary veins, in the glabrous sepals, and in the short conic style only about 0.5 mm long; fruit unknown" (CRONQUIST l.c.). — Não vista. Sabor da casca não mencionado.

PRADOSIA SCHOMBURGKIANA (A. DC.) Cronquist, Bull. Torrey Bot. Club 73: 311 (1946) = *Chrysophyllum Schomburgkianum* A. DC. — Miquel, em Flora Brasiliensis, no fim da descrição do seu *Chrysophyllum inophyllum* (= *Pradosia inophylla*), diz o seguinte: "Praecedenti (*Ch. Schomb.*) multis notis proximum attamen diversum foliorum forma, nervorum fabrica, pluribusque quoad florem momentis". Nada diz da forma dos filamentos dos estames, nem das sementes, de forma que não se pode ter certeza a respeito do gênero. Ignora-se o sabor da casca.

Glycoxylon (?) *oppositum* Ducke, Plantes nouvelles etc. VIII, Arch. Inst. Biol. Veget. 2: 68 (1935) = *CHRYSOPHYLLUM OPPOSITUM* Ducke Trop. Woods 71: 7 (1942).

SYNOPSIS OF THE BRAZILIAN SPECIES OF *PRADOSIA*

A: With sweet bark, and green or white flowers. Flower fascicles on branchlets below the leaves; calyx or corolla with some sericeous indumentum. Fruits smooth.

a: Leaves small ($40-60 \times 18-30$ mm), alternated, seldom sub-opposite; primary nerves 12-15 each side, rather distant, not connected by uninterrupted venulae but lesser lateral nerves present. Corolla very small, green. Large tree. Hill forest of Rio de Janeiro (and S. Paulo, Minas and Bahia)

P. glycyphloea

b: Leaves mediocre, opposite or sub-opposite, or infrequently alternate or ternate, never verticillate.

+: Primary nerves numerous, straight and parallel, alternating with lesser ones and not connected by uninterrupted venulae. Leaves nearly always opposite, $50-140 \times 30-80$ mm. Corolla very small, expanded 4-5 mm wide, green.

0: Peduncles 0.5-2 mm. Shrub, or small to medium tree. Sandy campinas and catingas in the basins of Rio Negro, Madeira, Nhamundá and Trombetas. *P. inophylla*

00: Peduncles 7-10 mm. Small, medium or rather large tree. Sandy campinas and marshy forest. Belém, Mosqueiro, Gurupá, Pôrto de Móz. *P. pedicellata*

++: Primary nerves few and distant, but connected by uninterrupted reticulate venulae; lesser lateral nerves lacking. Large trees.

0: Leaves opposite, sub-opposite or not rarely alternate, $70-110 \times 20-40$ mm, oblong-obovate with long cuneate base; primary nerves rarely over 10 each side. Corolla very small (expanded, 4-6 mm wide), green, more or less silky without. Very large upland forest trees of the Amazon country. *P. praealta*

x: Peduncles 1-4 mm. Leaves more often opposite or subopposite. Belem. *P. praealta*, typical form.

xx: Flowers sub-sessile. Leaves more often alternate than in the typical form. Manaus.

P. praealta var. *subsessilis*

- 00: Leaves nearly always opposite, 50-150 × 25-60 mm, with acute or obtuse base, primary nerves 10-16 each side. Corolla wider (7-8 mm), white, glabrous. Inundable forest of the central part of the Amazon estuary

P. huberi

- c: Leaves rather large (70-190 × 35-65 mm), sub-verticillate at least on the upper part of the branchlets, oblong-obovate, firm coriaceous, primary nerves 15-20 each side, approximated, venulae obsolete. Medium sized tree with rather thick branchlets; adult vegetative parts glabrous. Flowers green, expanded corolla about 12 mm wide. Manaus, forest along the lower rapid of Tarumá river

P. subverticillata

- B: With non-sweet bark and white, glabrous flowers (except the pilose ovary). Large tree with rather robust branchlets; adult vegetative parts glabrous. Leaves alternate, 80-150 × 45-80 mm, more or less obovate-elliptic, firm coriaceous, primary nerves 12-15 each side, rather distant, venulae obsolete. Flower-fascicles on branchlets below the leaves; corolla (expanded) 9-11 mm wide. Fruit smooth. Manaus, forest along the lower rapid of Tarumá river.

P. decipiens

- C: With non-sweet bark and dark violet flowers.

- a: Branchlets thin. Vegetative parts, glabrous except the thin sericeous innovations. Leaves alternate; primary nerves not approximated; venulae obsolete. Fruits smooth.

- +: Small tree. Leaves measuring 40-120 × 20-35 mm, obovato-lanceolate, membranous; primary nerves 6-10 each side, very distant. Flower-fascicles in often large clusters on trunk and old branches; expanded corolla not over 6 mm wide. Rio, Minas, Pernambuco.

P. lactescens

- ++: Large tree. Leaves 60-160 × 40-70 mm, oblong — to sub-elliptic-obovate, subcoriaceous; primary nerves moderately distant, 12-18 each side. Flower-fascicles along the older parts of branchlets and on old branches; expanded corolla 9-12 mm wide. Hylaea: Leticia (Colombian Amazon).

P. atrovioleacea

- b: Large trees. Branchlets thick. Vegetative parts with copious indumentum. Leaves in verticils of 5 (at least on the superior part of the branchlets), measuring 120-250 × 50-110 mm, oblong-obovate, rigid coriaceous; primary nerves numerous and approximated, connected by conspicuous obliquely transverse venulae. Flower-fascicles on the old part of branchlets, below the leaves or after their fall.

+: Leaves, except the very old, beneath with slight golden lustre due to microscopie tomentum, and with rusty tomentous nerves; primary nerves 25-30 each side. Expanded corolla about 6 mm wide. Fruit smooth. Hylaea: Manaus. *P. verticillata*

++: Leaves without any metallic lustre, beneath with minute whitish hairs and rusty-hairy primary nerves; these nerves, 30-40 each side. Expanded corolla 10-12 mm wide. Fruit densely covered with dentiform warths. Pernambuco: Recife. *P. verrucosa*

SUMMARY

The author retains the genus *Pradosia* as a valid one, although other botanists include it in *Chrysophyllum* or *Pouteria*. Eleven Brazilian species including a new one, are discussed in this paper. In the Amazon region all of the species of *Sapotaceae* having sweet bark are known by the common name of "pau doce".

RESUMÉ

L'auteur conserve le genre *Pradosia*, bien que d'autres botanistes aient préféré inclure les espèces du genre *Pradosia* dans le genre *Chrysophyllum* ou dans le genre *Pouteria*. L'auteur examine onze espèces dont quelques unes, possédant une écorce à saveur douce sont connues sous le nom de "pau doce".

LITERATURA

- BAEHNI, CH. — Memoire sur les Sapotacées. Candollea, 7 (1938).
CRONQUIST, A. — Studies in the *Sapotaceae* VI. Bull. Torrey Bot. Club, 73: 466 (1946).
DUCKE, A. — Plantes nouvelles etc. III. Arch. Jard. Bot. Rio, 4: 162, t. 20 (1925).
DUCKE, A. — New Forest Trees and Climbers of the Amazon VI. Trop. Woods, 90: 7 (1947).
DUCKE, A. — New and Noteworthy *Sapotaceae* of Brazilian Amazonia. Trop. Woods, 71: 7 (1942).
EYMA, P. J. — Recueil Trav. Bot. Néerlandais, 33 (1936).
HOEHNE, F. C. — A História taxonômica do imira-eém do Brasil. Arq. Bot. Est. São Paulo, nova série, 2: 33-63, t. 15 (1946).
KUHLMANN, J. G. — Contribuição etc., *Sapotaceae*, Arch. Jard. Bot. Rio, 5: 205, t. 25 e 26 (1930).
TOLEDO, J. F. — Observações, critica etc. Arq. Bot. Est. São Paulo, nova série, 2: 29-31 (1946).